



Benedita da Silva: caminhos de uma mulher negra e favelada na luta por direitos humanos no Brasil



Rayane Cristina de Andrade Gomes



Tese de doutorado | Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania,
Universidade de Brasília, Brasília, 2024

A presente tese narra o caminho de Benedita da Silva como mulher negra e da favela e seu papel protagonista na luta por direitos humanos no Brasil. A partir da abordagem qualitativa, com aproximação biográfica narrativa-interpretativa, lastreada em levantamento documental, falo de uma “mulher do fim do mundo” que navega nos mares de uma democracia hegemonicamente branca e masculina, assumindo o amor e a fé como motores de sua ação na luta pelo justo. O texto se filia teoricamente ao feminismo negro como escola do pensamento e mobiliza majoritariamente esses diálogos na construção de seu marco teórico. O desenho de estudo visa a contribuir para o debate acadêmico de visibilização do legado das mulheres negras brasileiras como decisivas na busca por dignidade, a partir dessa vivência única e coletiva que se exprime em Benedita da Silva, a Bené. A tese é dividida em quatro períodos distintos da sua vida política, cada um relacionado a momentos cruciais da história do Brasil. Cada período é analisado, apontando as relações entre racismo, patriarcado e classe na construção da identidade dessa protagonista e de sua prática militante. Além disso, a pesquisa investiga as estratégias adotadas por Benedita em sua atuação política para promover os direitos humanos e os desafios enfrentados por mulheres negras na política brasileira. O texto analisa sua produção legislativa em direitos humanos, assim como seus pronunciamentos na temática. Compreendi, no processo de investigação, que não podemos enxergá-la apenas como uma constituinte que fez história há 35 anos, pois seu ensinamento é profundo: não desistir de defender as coisas mais belas. Ela segue rompendo paradigmas; segue transformando profundamente a construção política nacional. Bené puxa o horizonte dos direitos humanos mais perto dos seus, do povo trabalhador brasileiro. Ela não é passado. Bené é presente, é futuro ancestral – como ensina Ailton Krenak.